



GONÇALO MORAIS
Instituto Superior de
Engenharia, Lisboa
gmorais@adm.isel.pt

GONÇALO MORAIS CONVERSA COM LUÍS SARAIVA

O professor Luís Saraiva terminou a licenciatura em Matemática pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa em 1973, onde é professor associado, e em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da mesma Universidade em 1980. Fez o doutoramento em Matemática na Universidade de Sussex, Reino Unido, em 1985. É elemento fundador do Seminário Nacional de História da Matemática, sendo o seu coordenador geral desde a sua fundação, em janeiro de 1988. Esta entrevista é o resumo da conversa que tivemos, onde discorreremos sobre a História da Matemática em Portugal desde o século XIX até à chamada geração de 40, fazendo-se a caminho uma resenha do processo que levou à fundação do Seminário Nacional de História da Matemática.

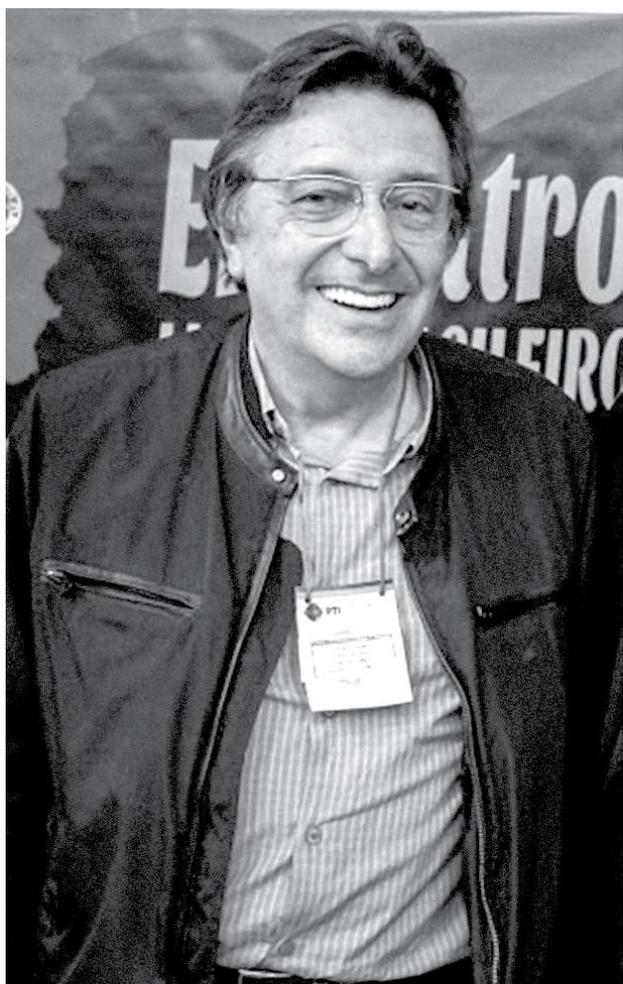
GONÇALO Antes de trabalhar em História da Matemática, o professor foi um matemático a tempo inteiro. A escolha da matemática foi para si natural?

LUÍS SARAIVA Acho que tive muita sorte! Eu tive sempre excelentes professores de Matemática. O meu pai teve especial cuidado com as escolas que frequentei e aconselhou-se antes de escolher colocar-me no Liceu Francês (1956-1962) a fazer a primária, onde nos primeiros quatro anos estive em classes francesas, o que fez com que aos 10 anos eu falasse a língua como um francês. Hoje já não tenho a fluência que então possuía, mas mantenho a mesma facilidade de ler textos em francês. Depois passei para as classes portuguesas, porque tinha de fazer os exames obrigatórios da quarta classe e do segundo ano, e segui depois os meus estudos no Liceu Pedro Nunes, igualmente por escolha do meu pai, a quem muito tinham

elogiado o valor pedagógico. Este liceu tinha excelentes professores de Matemática. Além disso, nos últimos dois anos de liceu apanhei já a chamada Matemática Moderna, introduzida entre nós no ensino por Sebastião e Silva. Eu fiquei fascinado pelos livros do Sebastião e Silva.

GONÇALO Estamos a falar de que anos?

LUÍS SARAIVA Estamos a falar dos anos de 1963 a 1968. Como referi, no Pedro Nunes tive sempre excelentes professores. O meu professor de matemática no 6.º e no 7.º ano foi o Dr. Osório dos Anjos, uma pessoa extraordinária que motivava e entusiasmava no estudo da Matemática. A conjugação da ação dele e com os livros do Prof. Sebastião e Silva foi uma combinação irresistível. Aí percebi que tinha de ir para Matemática. O meu pai era economista, foi aliás aluno do Bento de Jesus Caraça,



que dá nome à associação à qual hoje pertença também por homenagem ao meu pai, que sempre nos falou do professor Bento de Jesus Caraça, quer do ponto de vista profissional quer do ponto de vista humano, com grande admiração. Na nossa casa ele sempre foi uma figura chave. Quando, ao terminar o 5.º ano do liceu, tive de escolher a alínea para onde ia, o meu pai ainda me sugeriu que eu fosse para a alínea que dava acesso a Económicas, onde poderia ajudar-me com o seu conhecimento. Do 3.º ao 5.º ano, tinha tido como professora de Físico-Químicas a Dra. Maria Elisa Marques, não só uma excelente professora mas uma pessoa que tinha grande proximidade com os alunos. Se fosse para a alínea que dava acesso a Económicas não teria a Física. Foi assim que decidi ir para a alínea F. Mais tarde, quando terminei o curso dos liceus, já estava decidido a ir para Matemática. Estava completamente fascinado pelo que tinha aprendido nos últimos anos do Pedro Nunes. Disse na altura ao

meu pai uma coisa que hoje pode parecer simplória: se eu quisesse ganhar dinheiro iria para Engenharia, mas o que eu queria fazer era algo para o resto da vida, algo de que gostasse verdadeiramente. E pensava que se fosse suficientemente bom em Matemática também conseguiria encontrar emprego.

GONÇALO Também foi aluno do Professor Rómulo de Carvalho...

LUÍS SARAIVA Ele foi meu professor de Físico-Químicas no sexto e no sétimo anos no Pedro Nunes. Eu tenho colegas que foram muito influenciados por ele. Eu vinha de ter aulas durante três anos com uma professora que tinha uma grande proximidade connosco, pelo que a distância que o Rómulo nos punha nunca funcionou muito bem comigo. Achei que ele era bom professor mas não teve muito efeito em mim. Isto, claro, sempre de uma forma civilizada, mas a distância que ele colocava entre ele e os alunos fez com que para mim ele nunca tenha tido a preponderância que veio a ter sobre outros colegas meus que muito prezo.

GONÇALO E depois vai para a Faculdade de Ciências (Universidade de Lisboa)...

LUÍS SARAIVA Sim, depois fiz a minha licenciatura em Matemática. Para perceber melhor o meu gosto pela História da Matemática, é importante dizer-lhe que depois de acabar o curso na Faculdade de Ciências, em 1973, resolvi fazer o curso de Filologia Românica. Eu sempre gostei muito de cinema e na altura apareceram vários críticos nos jornais diários. No *Diário de Lisboa* o Eduardo Prado Coelho fazia crítica de cinema, muito influenciado pelo estruturalismo francês. Eu não conseguia perceber muito bem algumas das coisas que ele escrevia. Telefonei na altura a um outro crítico, o Eduardo Geada, que eu não conhecia e que trabalhava na *Capital*, para saber se nós nos podíamos encontrar para falarmos. Eu devia ter uns 20 anos nessa altura. Encontrámo-nos na Mexicana, na Praça de Londres, e disse-lhe que gostava de ler as críticas mas que havia coisas que eles escreviam que não percebia. Ele indicou-me que na Faculdade de Letras (da Universidade de Lisboa) havia pessoas que estavam precisamente a introduzir o estruturalismo no ensino em Portugal. Se eu quisesse, podia seguir as aulas no curso de Filologia Românica. Antes disso, ainda segui um curso no Centro Nacional de Cultura, dado precisamente pelo

Eduardo Prado Coelho. No ano letivo de 1973-74 inscrevi-me no primeiro ano de Filologia Românica da Faculdade de Letras. Fiz uma cadeira com o Lindley Cintra de Introdução aos Estudos Linguísticos e pensei que seria bom para mim fazer um percurso de uma maneira organizada. Além disso, conseguia deste modo estar em contacto com outras pessoas com quem podia discutir estes assuntos. Depois veio o 25 de Abril. O Latim deixou de ser obrigatório e não havia uma única cadeira do curso de Filologia Românica que eu não achasse interessante, pelo que decidi fazer o curso inteiro. No início nem era para o fazer em cinco anos, mas na altura tínhamos como Ministro da Educação Sottomayor Cardia, na época uma figura altamente contestada, e que eu acho que foi péssimo, ele ia ano a ano anulando cadeiras interessantes do meu curso. Para fazer o curso que eu queria, em cada ano letivo tinha de fazer as cadeiras todas desse ano. Eu começava por pensar, no início de cada ano, em quais eram as cadeiras que ele possivelmente iria anular e que me interessavam. Era nessas que eu me inscrevia primeiro. Acabei por fazer o curso nos tais cinco anos e com as cadeiras de que eu gostava.

GONÇALO Mas havia algum padrão na ação do Sottomayor Cardia?

LUÍS SARAIVA Foi algo que se varreu da minha memória. Tendo a esquecer os detalhes das coisas más, apenas ficando com a noção de que foram más. Fiz um curso muito variado. Para lá das cadeiras habituais, as Literaturas francesas e portuguesas, tive uma cadeira de Literatura e Psicanálise, outra de Literatura e Artes Plásticas, e fiz várias opções de Germânicas: Expressionismo Alemão, História Alemã entre as Guerras, Brecht e o Teatro Político. Enfim, gostei imenso do curso e no fim o que isso me deu foi talvez uma capacidade teórica extra para ler textos, o que me será mais tarde extremamente útil para a História da Matemática. Por exemplo, fiz um artigo sobre a colaboração entre o Laplace e o Lavoisier acerca da quantificação do calor em que para a análise que fiz das cartas que eles trocaram, os meus estudos de Letras foram extremamente importantes. Uma coisa é o que as pessoas dizem e outra é o que elas querem dizer. Acho que consegui desencantar nas cartas deles o verdadeiro significado do que eles estavam ali a fazer, a tática que eles seguiram para imporem as suas ideias que na altura encontraram muita resistência. O meu pai ficava sempre muito intrigado com o que eu estava a fazer em Letras e

eu dizia-lhe que estava a aprender a ler, o que de alguma maneira era verdade porque estava a aprender a ler de uma outra maneira.

Quando acabei o curso de Letras, em 1980, comecei a pensar no meu doutoramento em Matemática. Fui ter com um colega meu, que tinha sido meu professor, o António St. Aubyn, que do ponto de vista didático, foi talvez o melhor professor que eu tive na faculdade, que deu um curso extraordinário de Equações Diferenciais Ordinárias, e pedi-lhe para ele me deixar ser seu assistente na cadeira de Análise Funcional para assim poder rever o que tinha de relembrar antes de ir para Inglaterra fazer o doutoramento. Nesse período também fui assistente do professor João Paulo Carvalho Dias na cadeira de Equações com Derivadas Parciais (EDPs). Estive quatro anos na Universidade de Sussex, de 1981 a 1985, e aí fiz o meu doutoramento

GONÇALO Em que momento é que passou a ser um historiador?

LUÍS SARAIVA Em 1987 evocou-se o bicentenário da morte de José Anastácio da Cunha, com a realização de Colóquios em Lisboa, o mais importante, e outros de menor dimensão em Coimbra e em Évora. Na Faculdade de Ciências de Lisboa, uma das pessoas que estava a organizar o colóquio internacional era o professor João Santos Guerreiro, outro professor muito influente na minha formação matemática e na de muitos outros seus alunos na Faculdade de Ciências de Lisboa, e ele perguntou, numa reunião do Departamento de Matemática, quem é que conhecia o Anastácio da Cunha. Eu respondi que não conhecia a matemática dele mas conhecia a sua obra poética que tinha estudado em Letras. Fiquei imediatamente na comissão organizadora e isso modificou a minha vida. Estar envolvido nas celebrações relativas a Anastácio da Cunha fez-me contactar o mundo dos historiadores da matemática que eu desconhecia totalmente. Por outro lado, vieram outros colegas meus de Coimbra, do Porto e de Braga que também tinham o mesmo interesse. Nós nesse encontro percebemos que havia pessoas em Portugal interessadas em História da Matemática mas que não havia uma atividade organizada no nosso país. Havia um ou outro historiador a trabalhar de forma isolada, o professor Dionísio e o professor Dias Agudo, que faziam coisas pontuais, mas, como disse, não havia uma atividade organizada. Eu depois participei na edição das atas, aliás um livro excelente, não obviamente por causa da minha

participação, mas pelas intervenções aí registadas, publicado na Imprensa Nacional, bem como por incluir apêndices históricos com textos originais quer de Anastácio da Cunha quer de pessoas que escreveram sobre ele. Nós percebemos que havia uma falha grande em Portugal no que diz respeito à História da Matemática e pensámos logo ali em criar qualquer coisa que permitisse uma atividade regular e organizada sobre História da Matemática em Portugal.

Não sei agora precisar muito as datas, mas a conferência realizou-se em outubro de 1987 e no início de 1988 fundámos o Seminário Nacional de História de Matemática (SNHM). Organizámos o primeiro encontro em Braga, em que convidámos para participar o professor Ubiratan D'Ambrósio. Nós não tínhamos dinheiro pelo que tínhamos de aproveitar os historiadores que estivessem em Portugal. Na altura, o professor Ubiratan D'Ambrósio estava a visitar Braga e aproveitámos para realizar logo aí o primeiro encontro. Nos primeiros anos funcionou desta forma, por carolice e aproveitando as pessoas que visitavam Portugal convidadas por instituições a que pertencíamos. Por exemplo, em 1993 foi feito o convite ao professor Eduardo Ortiz para fazer uma conferência na Faculdade de Ciências de Lisboa, que lhe pagou a deslocação. Aproveitámos a sua estadia em Lisboa para aí realizarmos o encontro do SNHM.

A partir de uma certa altura, nos anos 90, tornámo-nos uma secção autónoma dentro da Sociedade Portuguesa de Matemática e passámos a ter o apoio da SPM. Todos os seus presidentes compreenderam a importância que tem a História da Matemática e todos apoiaram sempre o SNHM. Desde 1988 já organizámos 33 encontros do SNHM, à média de um por ano.

Tivemos a sorte, na altura do encontro sobre o Anastácio da Cunha em Lisboa, de contar com uma pessoa que nos ajudou muito, que infelizmente já faleceu, o professor Ivor Grattan-Guinness. Era uma pessoa altamente prestigiada e de um grande nível. Ele reuniu-se connosco e deu-nos conselhos preciosos de como organizar o SNHM. Disse-nos, por exemplo, que deveríamos ter sempre nos nossos encontros, pelo menos, um conferencista que não fosse português. Era importante ter sempre uma pessoa de fora para termos um input de ideias diferentes por parte de especialistas. É algo que temos respeitado sempre. Quando há possibilidade de trazermos mais do que uma pessoa, melhor. Por exemplo, quando houve um encontro de grande dimensão em Coimbra sobre Pedro Nunes, nos 500 anos do seu nascimento, nós aí aproveitámos

e fizemos o Encontro do SNHM em conjunto com este Colóquio Internacional. Com tudo isto foi-se formando um conjunto de pessoas em Portugal para trabalhar em História da Matemática e criámos importantes ligações com historiadores estrangeiros.

GONÇALO É curioso que esse primeiro encontro tenha decorrido a propósito do José Anastácio da Cunha, ele que coincide temporalmente com o início do período ao qual dedica a sua investigação...

LUÍS SARAIVA Falámos atrás que eu fiz o curso de Letras a partir do momento em que o Latim deixou de ser obrigatório. Como em História para se fazer investigação é obrigatório ler os textos originais, ficou logo excluído para mim qualquer período em que o latim fosse a língua utilizada nos documentos.

Como sabe, em 1290 Dom Dinis fundou a Universidade que será inicialmente itinerante entre Lisboa e Coimbra, mas estudos de matemática propriamente ditos, enquanto área autónoma e praticada regularmente, apenas tivemos a partir da reforma da Universidade feita pelo Marquês de Pombal em 1772. Só a partir desse ano é que passámos a ter uma Faculdade de Matemática em Coimbra e em que a disciplina passa a ser considerada importante. Antes tivemos uma figura importante de nível mundial, que foi Pedro Nunes, mas que aparece como uma figura isolada na matemática portuguesa. Não criou escola.

A matemática portuguesa, na sua ligação ao que hoje temos, começa realmente com a reforma do Marquês de Pombal. Pode objetar-se a aspetos do legado de Pombal, mas é inquestionável a importância de Reforma de 1772, que lançou as bases para se desenvolver a matemática em Portugal, um marco decisivo na conquista da modernidade científica no nosso país.

GONÇALO Uma das muitas coisas interessantes que li nos seus artigos foi o facto de nos 90 anos antes da reforma Pombalina, a cátedra de Matemática da Universidade de Coimbra ter permanecido por ocupar. Isto não revela um país profundamente atrasado do ponto de vista científico e tecnológico?

LUÍS SARAIVA Não se dava a importância devida à matemática. Com a época dos Descobrimentos, houve um conjunto de avanços importantes na Astronomia pela necessidade de os navios se orientarem no Atlântico. Quan-



do a navegação passa do Mediterrâneo, onde navegar longe da costa não oferecia grande dificuldade, porque num curto espaço de tempo ela seria novamente avistada, para o Atlântico, as coisas não se passam da mesma maneira. Quando navegavam ao longo da costa africana, sobretudo no regresso em que eles tinham de se afastar das margens por causa das correntes, não viam terra durante dias e dias. Por isso tiveram de encontrar outro modo de orientação, que foi pela posição das estrelas. A Astronomia tinha assim um papel importante. Uma vez adquirido esse avanço, e resolvido o problema da navegação, o interesse esmoreceu.

GONÇALO No final do século XVIII e no início do século XIX ocorre uma transformação do cenário político europeu, primeiro com a Revolução Francesa e depois com as Guerras Napoleónicas. Em Portugal isso resultará nas chamadas invasões francesas e na proteção inglesa até 1820. Entre 1820 e 1851, Portugal foi atravessado, uma vez mais, por uma grande instabilidade política e social. Entretanto, após o fim do reinado de D. José, em 1777, dá-se a Viradeira e logo de seguida José Anastácio da Cunha é expulso pela Inquisição da Universidade de Coimbra. Qual o impacto que tudo isto tem no desenvolvimento da matemática no nosso país?

LUÍS SARAIVA Foi um período muito difícil. Primeiro com as invasões francesas e depois com a guerra civil entre liberais e absolutistas, levou a que muita gente tivesse de sair de Portugal ou viver escondida. A isso acresce o facto de a nossa matemática nessa época ser produzida essencialmente por militares. *As Memórias da Academia das Ciências de Lisboa* foi o único periódico neste meio século em que continuou a ser publicado algum trabalho em Matemática e Física. A produção matemática decaiu imenso nesse período.

Existem algumas exceções pontuais, por exemplo devido ao debate suscitado pela publicação em 1811 em França da tradução francesa dos *Princípios Mathematicos* de José Anastácio da Cunha. Esta publicação em francês suscitou a revisão no *Edinburgh Review*, que depois apareceu traduzida em português, levando a um curto debate.

GONÇALO E na segunda metade do século XIX?

LUÍS SARAIVA Aí a Academia das Ciências teve um papel muito importante. Ela já tinha tido uma primeira reforma em 1834, mas essa reforma pouco de novo trouxe. Em 1851 dá-se nova reforma, esta sim importante. Até esta data ela não dava importância fulcral à matemática. A principal motivação até aí era sobretudo a economia. Portugal tinha

medo de perder as suas colónias, pretendendo transformar-se o país para ser alimentariamente autossuficiente. Repare que a Academia é fundada em 1779 e só em 1797, 18 anos depois, é que aparece uma revista com publicações de Matemática e Física, quando entretanto já tinham sido publicados vários volumes das *Memórias Económicas* e das *Memórias Literárias da Academia*. Na reforma de 1851, a matemática passa a ser a primeira secção da 1ª Classe. Percebe-se também que as Memórias da Academia não são suficientes para incluir a produção científica, e preconiza-se a criação de novos periódicos onde sejam publicados ou os artigos que o não possam sê-lo nas *Memórias* ou outros que, não tendo a qualidade que devem ter os das *Memórias*, mereçam contudo ser publicados. Em 1857 e 1858 publicam-se os *Annaes das Sciencias e Lettras*. Era uma revista interessante, mas ainda com pouca Matemática, que não chega a durar dois anos. A seguir publicar-se-á o *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, que começou em 1866 e foi publicado até 1927, onde encontramos muitos artigos de Matemática.

Com Gomes Teixeira, quando ele cria o *Jornal de Sciencias Mathematicas e Astronomicas* (JSMA) em 1877, dar-se-á um salto imenso. Ele cria a primeira revista em Portugal totalmente dedicada à Matemática, sendo um jornal internacional, ou seja, vai conseguir ter colaboração internacional, algo que as *Memórias da Academia* nunca conseguiram. Durante o século XIX há apenas três matemáticos estrangeiros que publicam lá, e os dois últimos já muito possivelmente por influência de Gomes Teixeira.

GONÇALO O Gomes Teixeira é uma figura central deste período, quer na Matemática quer mais tarde na História da Matemática. Consegue perceber-se de onde virá todo este destaque?

LUÍS SARAIVA Gomes Teixeira teve uma ação muito importante desde muito novo. Repare que ele nasce em 1851, completa o doutoramento em 1875 e em 1877 ele funda o JSMA. Ele era uma pessoa muito empreendedora e motivadora, conseguindo reunir à sua volta um conjunto importante de pessoas. Uma das coisas muito importantes que ele faz é criar uma secção de Bibliografia no jornal que toma proporções muito consideráveis. Existem volumes em que metade da publicação é ocupada pela secção de Bibliografia, com muitas críticas a livros e revistas que saem, algo extremamente importante para os matemáticos portugueses poderem manter-se atualizados.

Ele irá transferir-se para o Porto, levando algumas

pessoas de Coimbra com ele, dinamizando assim a Academia Politécnica do Porto. Hélder Pinto escreveu a sua tese de doutoramento sobre Gomes Teixeira e a Academia Politécnica do Porto (APP) e estuda em detalhe este tema. Na altura, Gomes Teixeira teve carta branca para prosseguir da maneira que achasse mais adequada e isso terá sido um dos fatores determinantes da sua mudança de Coimbra para o Porto. Relembre-se que Coimbra tinha um enorme prestígio, ao contrário da APP. Aqui irá também dirigir os *Annaes Scientificos da Academia Polytechnica do Porto*, que de algum modo podem considerar-se uma continuação do JSMA.

GONÇALO Em 1911, após a implantação da República, vão ser criadas as Universidades de Lisboa e do Porto. Qual a importância deste acontecimento para o desenvolvimento da ciência em Portugal?

LUÍS SARAIVA A sua formação é bastante importante porque, como sabe, a Universidade em Portugal foi fundada em 1290 e durante séculos, até 1537, foi itinerante entre Lisboa e Coimbra, fixando-se então definitivamente nesta última cidade. Os professores de Coimbra não queriam outras instituições de ensino universitário que fugissem ao seu controle. Em 1835 deu-se uma tentativa da criação do Instituto de Física Matemática em Lisboa, tendo sido tudo feito, escolhidos os professores, etc. Duas semanas depois de ter sido autorizado, foi tudo anulado, por influência política dos docentes de Coimbra. Dois anos depois, conseguiu criar-se a Escola Politechnica em Lisboa, com o subterfúgio de ser uma escola militar sob alçada do Ministério da Guerra, estando deste modo fora da alçada da autoridade de Coimbra. Assim ficou durante uma vintena de anos até passar finalmente a ser uma instituição civil.

GONÇALO No período que nos leva de Gomes Teixeira até à geração de 40, aparece a figura de Mira Fernandes...

LUÍS SARAIVA De alguma maneira, sim. A geração de 40 adota-o como um dos seus, como um exemplo. O Bento de Jesus Caraça quando publica o primeiro volume das suas *Lições de Álgebra e Análise* agradecerá a várias pessoas, entre as quais Mira Fernandes que, segundo ele, tinha sido um exemplo como pessoa, como matemático e como atitude perante a ciência. Mira Fernandes tem uma correspondência extensa com Levi-Civita e publicou uma série de artigos na revista da Academia de Lincei, por isso

apareceria aos matemáticos da geração de 40 como exemplo de um matemático com uma carreira digna e sempre com uma atitude correta em relação à ciência.

Quando é formada a Sociedade Portuguesa de Matemática, em 1940, nos quadros da direção aparecem representantes da geração de 40, como António Monteiro e Zalar Nunes, e membros da geração anterior, como Pedro José da Cunha e Mira Fernandes.

GONÇALO Nessa chamada geração de 40 temos uma série de nomes muito conhecidos, não só pela sua atividade enquanto matemáticos mas também pelo seu papel político. Esse número relativamente grande de nomes importantes deve-se a quê?

LUÍS SARAIVA O regime tinha uma atitude muito clara: a maioria da população poderia continuar num semianalfabetismo, mas era necessário formar quadros para continuar a ditadura. Simplesmente os quadros que eles formaram, no domínio científico, não se formaram como o regime desejava, quem foi para o estrangeiro viu-se confrontado com situações socio-políticas complexas, muitos experimentaram pela primeira vez o que era viver em liberdade. Por exemplo, quando António Monteiro foi para França fazer o doutoramento com Maurice Fréchet, viviam-se momentos de grande convulsão social e política. Por um lado, temos os movimentos socialistas e comunistas e, por outro, temos os regimes fascista e nazi. É um momento de uma grande agitação. A situação geral era tal que era difícil que os cientistas não tomassem também uma posição política. Em 1931, deu-se um congresso científico em Londres em que pela primeira vez esteve presente uma delegação da União Soviética. As comunicações apresentadas pelos seus membros queriam acentuar a relação entre a ciência e a sociedade. Tiveram um grande impacto no meio científico da época. A que teve maior influência foi a do Boris Hessen sobre as raízes sociais e económicas dos *Principia* do Newton. Muitos cientistas passaram a ter essa preocupação, ligar a ciência e a sociedade. Entre outros, lembro John Desmond Bernal que publicou em 1939 um livro, *A Função Social da Ciência*, em que explorava estes pontos. Estas influências também chegaram a Portugal. Abel Salazar também tem um folheto em 1933 com o título *A Socialização da Ciência*, António Monteiro no artigo que escreve sobre a Junta de Investigação Matemática fala da responsabilidade social do cientista, assim como Bento de Jesus Caraça que, na introdução de *Os Conceitos Fundamentais da Matemática*, diz que

há duas atitudes perante a ciência: ou considerar a ciência como algo de abstrato, independente, apresentando a ciência como um conjunto estruturado de verdades científicas; ou, apresentar a ciência no seu desenvolvimento, nas suas incertezas e nos seus problemas, defendendo ele a segunda abordagem. Em relação à Matemática refere que tem problemas que lhe são específicos, mas com tantas raízes na vida real como as outras ciências.

O contraste entre o que era viver no Portugal daquele tempo, sob um regime repressivo e retrógrado, e o que os bolsеiros viveram quando estiveram no estrangeiro onde havia liberdade, como o caso do António Monteiro que está em França quando se dá o triunfo eleitoral da *Frente Popular*, era imenso. É natural que quando regressam a Portugal, ao invés de dóceis e obedientes, venham com uma atitude altamente crítica em relação ao regime. António Monteiro diz que só em França é que percebeu qual o verdadeiro significado do fascismo. Naturalmente todas estas pessoas são hostilizadas. O Instituto para a Alta Cultura deixou de financiar a *Portugaliae Mathematica* porque perceberam rapidamente que quem estava por detrás desta revista eram pessoas que não eram afetas ao regime. Foi por este facto que se criou a Junta de Investigação Matemática, ligada ao irmão do Ruy Luís Gomes, um industrial com algumas posses, para continuar a publicação da revista, bem como de outras publicações matemáticas dos matemáticos portugueses.

GONÇALO Apesar de todos os nomes, António (Aniceto) Monteiro aparece como figura central dessa geração...

LUÍS SARAIVA Sem dúvida! O António Monteiro foi o grande dinamizador da geração de 40. Ele vem em 1936 para Portugal e imediatamente começam a criar-se grupos de investigação, o primeiro dos quais é o Núcleo de Matemática, Física e Química. Exceto o Centro de Estudos Matemáticos Aplicados à Economia, criado por Mira Fernandes, Bento de Jesus Caraça e Beirão da Veiga, ele estará na criação de praticamente todos os centros de investigação matemática em Portugal. Na formação da própria Sociedade Portuguesa de Matemática, da *Portugaliae Mathematica* e da *Gazeta de Matemática*, é ele que é a figura dinamizadora.

Além disso é uma pessoa exemplar. O regime já tinha criado uma série de dispositivos legais para poder excluir arbitrariamente pessoas da Função Pública. Um deles é o famoso decreto 27003/36 em que as pessoas teriam de assinar uma declaração em que estavam de acordo com o

regime e que rejeitavam todas as ideias...

GONÇALO Comunistas e subversivas.

LUÍS SARAIVA E o António Monteiro não aceitou isso e nunca assinou. As pessoas assinavam de cruz, mesmo que já tencionassem entrar em ações contra o regime. Ele nunca assinou, não porque estivesse ligado ao Partido Comunista mas porque – ele próprio o disse – não aceitava que pusessem restrições ao seu próprio futuro. Como consequência, nunca teve um emprego público. Acabou por partir para o Brasil, onde se integrou num Departamento de Matemática forte na que é hoje a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Aí continuou a sua atividade de matemático e professor, tendo tido vários alunos de doutoramento. Por pressões do Governo português, o Brasil acabou por não lhe renovar o visto de estada no país e ele teve de partir novamente, desta vez para a Argentina onde ficou até ao fim da vida. Continuou aí a sua intensa

atividade de matemático, professor, organizador, sendo especialmente notório o seu legado na Universidad del Sur, em Bahia Blanca. Pode ser considerado que a matemática do século XX na Argentina muito deve a António Monteiro, o que, aliás, é reconhecido pelos argentinos.

Quando se celebrou o centenário do seu nascimento, convidámos alguns dos seus antigos alunos argentinos. Fiquei siderado pela admiração que nutriam por ele. Acho que mesmo que não tivéssemos pagado as passagens, eles as teriam pago do bolso deles. Senti que para eles era uma dívida moral que tinham para com Monteiro. Era uma pessoa muito generosa. Podia passar aqui horas a contar histórias que testemunham isso.

Por causa da pandemia, esta entrevista foi realizada não presencialmente mas via Zoom, no dia 19 de janeiro de 2021. As fotografias foram fornecidas pelo entrevistado.

